GRUPO TIRADENTES

Luiz Alberto de Castro Falleiros
Mozart Neves Ramos
Conselho de Administração

Jouberto Uchôa de Mendonça Júnior
Superintendente Geral

Temisson José dos Santos
Superintendente Acadêmico

Ihanmarck Damasceno dos Santos
Superintendente de Relações Institucionais

Saumíneo da Silva Nascimento
Superintendente Administrativo Financeiro

UNIVERSIDADE TIRADENTES

Jouberto Uchôa de Mendonça
Reitor

Amélia Maria Cerqueira Uchôa
Vice - Reitora

EDITORA UNIVERSITÁRIA TIRADENTES

Cristiane Porto
Diretora

Ronaldo Nunes Linhares
Gabriela Maia Rebouças
Ricardo Luiz C. de Albuquerque Júnior
Álvaro Silva Lima
Conselho Editorial

ORGANIZAÇÃO:

FERNANDO POCAHY
FELIPE DA SILVA PONTE DE CARVALHO
DILTON RIBEIRO COUTO JUNIOR

GÊNERO, SEXUALIDADE & GERAÇÃO

INTERSECÇÕES NA EDUCAÇÃO E/M SAÚDE

ARACAJU - SERGIPE

EDUNIT

2018

Produção Editorial

Ana Regina - **Revisão**

Mariano Pimentel - **Capa**

Igor Bento - **Diagramação**

Todos direitos desta edição reservados à / Depósito legal à

Editora Universitária Tiradentes

Edunit

Av. Murilo Dantas, 300 Farolândia

Bloco F - Sala 11 - 1° andar

CEP 49032-490 Aracaju/SE

Telefone (79) 3218 2138

editora@unit.br

www.editoratiradentes.com.br

EDUNIT

Editora Filiada à

ABEU 30 anos
Associação Brasileira das Editoras Universitárias

G362 Gênero, sexualidade e geração: intersecções na educação e/m saúde / organização [de] Fernando Pocahy, Felipe da Silva Ponte de Carvalho, Dilton Ribeiro Couto Junior – Aracaju: EDUNIT, 2018.

464 p. il.; 23 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-68102-39-8

1.Gênero. 2. Sexualidade. 3. Educação em saúde 4. Geração. I. Pocahy, Fernando (org.). II. Carvalho, Felipe da Silva Ponte de (org.) III. Couto Junior, Dilton Ribeiro (org.) IV.Título.

CDU: 612.6.057: 316.647.8

SIB- Sistema Integrado de Bibliotecas

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO
GÊNERO, SEXUALIDADE E GERAÇÃO: DES(A)FIOS NA PESQUISA ---------- 9
Fernando Pocahy, Felipe da Silva Ponte de Carvalho, Dilton Ribeiro Couto Junior

SESSÃO 1: "REFLEXÕES E ANÁLISES SOBRE GÊNERO, GERAÇÃO E EXPERIMENTAÇÕES DA SEXUALIDADE"

CAPÍTULO 1 -
GÊNERO, SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO: DES(A)FIOS PARA NOSSO TEMPO ---------- 15
Fernando Pocahy, Priscila Gomes Dornelles

CAPÍTULO 2 -
"DEPOIS QUE O MARIDO VAI, A LIBERDADE FICA": GÊNERO, CUIDADO DE SI E A ARTE DE ENVELHECER--- 37
Luiz Fernando Alvarenga, Dagmar Estermann Meyer

CAPÍTULO 3 -
HOMOSSEXUALIDADE(S) E O PROCESSO DO ENVELHECER: ENTRE A SALA E A RUA ---------- 63
Gustavo de Oliveira Duarte

CAPÍTULO 4 -
(TRANS)ENVELHECIMENTO: MODOS DE VIDA NA (TRANS)CONTEMPORANEIDADE--- 93
Francisco Francinete Leite Junior

CAPÍTULO 5 -
CARTOGRAFIAS DE REDE DE AQUENDAÇÃO EM GRUPOS (HOMO)ERÓTICOS NO FACEBOOK: DISSIDÊNCIAS DE GÊNERO, SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO ---------- 129
Felipe da Silva Ponte de Carvalho, Richard Roseno, Fernando Pocahy

SEÇÃO 2: "JUVENTUDES EM INTERSECCIONALIDADES DE GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE"

CAPÍTULO 6 -
JUVENTUDES, SEXUALIDADES E VIDA COM HIV/AIDS: O QUE DIZEM OS/AS JOVENS+?---------149
Jeane Félix

CAPÍTULO 7 -
MENINAS PRIVADAS DE LIBERDADE NO SINASE: SOCIOEDUCAÇÃO E VIGILÂNCIA DO GÊNERO----------173
Cecilia Nunes Froemming

CAPÍTULO 8 -
OS EMBATES EM TORNO DO KIT ANTI-HMOFOBIA DO MEC (2011) E A VITÓRIA CONSERVADORA----------195
Thalles Amaral, Elizabeth Macedo

CAPÍTULO 9 -
ESCOLA SEM PARTIDO E SUA MALDITA BENEVOLÊNCIA CONTRA UMA SUPOSTA IDEOLOGIA DE GÊNERO: AFINAL, DO QUE AS CRIANÇAS PRECISAM SER PROTEGIDAS?----------221
Rafaela Cotta, Fernando Pocahy

CAPÍTULO 10 -
O FEMINISMO QUE HABITA NUMA MULHER NEGRA E PROFESSORA: RESIGNIFICANDO A (MINHA) ATIVIDADE DOCENTE A PARTIR DAS VIVÊNCIAS EM SALA DE AULA----------237
Aline Martins

CAPÍTULO 11 -
IMAGEM E DISSIDÊNCIA: JUVENTUDES, CULTURA VISUAL, PRÁTICA EDUCATIVA E PIRUZAL----------259
Pâmela Souza da Silva, Aldo Victorio Filho, Rodrigo Torres do Nascimento, Victor Junger Silveira

CAPÍTULO 12 -
VIDAS (IN) CORRIGÍVEIS, CORPOS QUE (NÃO) IMPORTAM?: EXPERIMENTAÇÕES DA SEXUALIDADE NA INTERPELAÇÃO DA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL-----275
Sandra Maria Alexandre da Silva, Fernando Pocahy

CAPÍTULO 13 -
A DESPATOLOGIZAÇÃO DAS IDENTIDADES TRANS----291
Benjamin Braga de Almeida Neves

SEÇÃO 3: "PEDAGOGIAS, INFÂNCIAS E REDES EDUCATIVAS"

CAPÍTULO 14 -
LÍMITES Y RETOS DE LOS DISCURSOS DE "ATENCIÓN A LA DIVERSIDADE". APUNTES PARA LÁ REFLEXIÓN DESDE EL CASO ESPAÑOL----------311
Gracia Trujillo

CAPÍTULO 15 -
INFÂNCIA E CISHETERONORMATIVIDADE----------333
Thayz Athayde

CAPÍTULO 16 -
CRIANÇAS NA ESCOLA: CRUZAMENTOS E NEGOCIAÇÕES DE GÊNERO NAS BRINCADEIRAS----------353
Ileana Wenetz

CAPÍTULO 17 -
MEDICALIZAÇÃO PARA CORPOS INSUBORDINADOS: MENINAS EM SITUAÇÃO DE EXPLORAÇÃO SEXUAL E OS TENSIONAMENTOS DAS LÓGICAS DE PROTEÇÃO------379
Monise Serpa, Jane Felipe

CAPÍTULO 18 -
EXPERIMENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DE PESQUISAS COM GÊNERO EM SUAS POSIÇÕES DISSIDENTES: INFÂNICAS EM DEBATE----------409
Dilton Ribeiro Couto Junior

CAPÍTULO 19 -
CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NAS PRÁTICAS-SABERES DE UMA EDUCADORA DA BAIXADA MARÍTIMA: NOTAS DE UMA CARTOGRAFIA-ENCONTRO----------429
Sara Wagner Pimenta Gonçalves Junior,
Felipe da Silva Ponte de Carvalho, Fernando Pocahy

SOBRE AS/OS AUTORAS/ES----------447

POCAHY, Fernando; NARDI, H. C. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 45-66, 2007.

POCAHY, Fernando. Botando Corpo (des)fazendo gênero. Uma ferramenta para pesquisa - intervenção na Educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 289-308, Jan./Abr. 2016.

ROEDIGER, David. Sobre autobiografia e teoria: uma introdução. In: WARE, Vron (org.). **Branquidade**: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

IMAGEM E DISSIDÊNCIA: JUVENTUDES, CULTURA VISUAL, PRÁTICA EDUCATIVA E PIRUZAL

PÂMELA SOUZA DA SILVA
ALDO VICTORIO FILHO
RODRIGO TORRES DO NASCIMENTO
VICTOR JUNGER SILVEIRA

As imagens, centrais nos campos teóricos nos quais apoiamos nossa pesquisa, ou seja, a Cultura Visual, são absolutamente relevantes para pensarmos a juvêntude e a Educação contemporâneas, pois são elementos fundamentais ao diálogo e elucidação das visualidades que envolvem todos os processos e meios formativos dos jovens. A visualidade resulta do jogo entre a produção e o consumo das imagens, instâncias intercambiantes na medida em que toda percepção visual implica na fabricação do que é visto por aquele que o vê. A narrativa imagética, portanto, enfrenta

duas possibilidades, a sujeição do olhar que a encontra ou a sua reelaboração que muitas vezes pode implicar na dissolução radical de seu projeto original e o fracasso dos objetivos para os quais a narrativa em questão foi projetada. A profusão de imagens criadas e circulantes para favorecer o mercado e impulsionar o consumo não pode ser menosprezada nem reduzida aos sentidos de suas formulações originais. Talvez nenhuma imagem tenha absoluta independência em relação aos olhos de seus interlocutores. Com tal compreensão, não nos propomos a analisar e categorizar as imagens que seduzem e, de formas diversas, se tornam relevantes para o público escolar juvenil. Antes, buscamos reconhecer a importância do trânsito dessas imagens nas consistências curriculares extraoficiais e como podem ser tomadas como elementos de questionamento das sobras de ortodoxia educacional que ainda provocam o admirável e lamentável contraste entre a instituição da formação escolar novecentista e a população estudantil do terceiro milênio. Nossa época é marcada por muitos fenômenos inovadores, mas, ainda vê repetir a mesma fórmula humana de criar a partir da mimese, ou seja, cada aparente criação traz em si a participação de múltiplas cópias e reconfigurações (WULF, 2013). Podemos perceber na web o fôlego que uma aparente criação original oferece a tantos outros fins e mesmo à criação de novas imagens. Imagens estas que surgem para fortalecer certas posições e certos postulados, seja nas artes visuais, na arte da performance, na música e em toda manifestação humana individual nas quais se rebatem imposições desde a mais remota ancestralidade. Na época da virtualidade radical, não é diferente. E é por meio e com as imagens que as juventudes também se constituem, se expõem e desafiam

as instituições com as quais lidam e atravessam. A imagem, convém reiterar, é construção que açambarca participações diversas, modalidades diferentes e linguagens em permanente desenvolvimento. As imagens, como produto do imaginário foi assunto de diversos pensadores ao longo do século passado cujas obras a esse respeito oferecem base útil à nossa investigação. Baseado nas leituras que respaldam as pesquisas aqui em encontro, de teorias e de imagens, observamos que a forma física da imagem, seja sonora, visual, olfativa, etc. para ser melhor aproveitada dependerá de alguma reflexão a respeito da inaudível e invisível dimensão imaginal, se não a origem, ao menos crucial atravessamento de todas as imagens.

Freud, Bachelard, Maffesoli, Gilbert Durand, dentre outros se ocuparam desse tema, "o imaginário" com diferentes perspectivas, nem sempre dissonantes. O que consequentemente influi na conceituação da "imagem" e contribuiu para o seu alargamento. Para os pensadores do "imaginário", importante dimensão das subjetividades, dessa dimensão decorrem das atitudes imaginativas, gestos e ações à produção e reprodução de símbolos, imagens visuais, musicais, mitos e arquétipos humanos como analisou Durant, e elemento de pertencimento coletivo como defende Michel Maffesoli.

As imagens ao longo da história humana vêm sendo produzida pelo coletivo e se configurando como fundamental à manutenção de sua integridade. Imagens pessoais, imagens eleitas pelo afeto grupal, imagens facetadas em processos identitários, que se adensam em gestos, vocabulário, indumentária, acessórios, etc. consolidam padrões ao mesmo tempo que indiciam linhas de fuga do campo das imposições. Exemplo emblemático, a escolha e o uso das roupas,

são norteados pelo denominado *dresscode*[1], que pode ser tomado como instrumento de uma política comportamental, assim como as suas dissidências são, entre outras coisas, obviamente, resistência a tais políticas. Contudo, sabemos que, no caso específico da vestimenta, a reação regulatória do que escapa à moda, o transforma na próxima tendência. Trata-se de uma mecânica permanente do mercado, para o qual a legitimidade identitária só importa na medida em que favorece o seu desempenho. Contudo, na esfera da imagem pessoal, quando tudo parece sob controle, a singularidade da autoria pessoal mostra que nada é absolutamente policiável nem capitalizável. Nem pelo mercado, nem pelos inspetores de uniforme às portas das escolas.

*

Este artigo se articula por meio dos termos que compõem seu título. Para tanto o dividimos entre quatro partes acrescidas de comentários finais que apenas suspendem o registro. Sabemos não ser possível concluir de forma definitiva a relação entre os temas proposta. Cremos que tal relação produz constatações e oferece perspectivas infinitas, e esperamos contribuir com a sua discussão de maneira a beneficiar as novas gerações de estudantes e seus professores. A associação de imagens, dissidência, juventudes, cultura visual, prática educativa e piruzal guarda certa facilidade na medida em que a relação entre tais instâncias e conceitos é óbvia e fértil. Contudo, dar relevo ao que, a partir das nossas pesquisas, constatamos desafia o manejo da escrita formal e a articulação do pensamento fatalmente enviesado pela tradição teórica e epistemológica que nos formou. Ou-

1 Uma série de regras que estabelece como vestir em determinadas ocasiões.

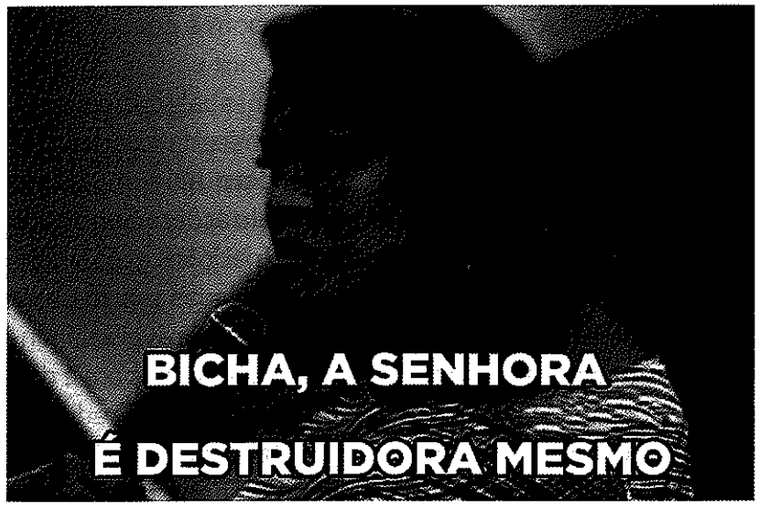
vir, ver, sentir as imagens das juventudes, ao cabo e ao rabo, a centralidade deste texto, nos leva a medir e esgaçar nossas possibilidades e competências investigativas e narrativas. Desafio e risco aceitos, oferecemos o que alcançamos. Ao leitor, o aproveitamento, do que lhe for aproveitável.

Juventude

As juventudes[2], no plural, fogem às categorizações instrumentais das ciências, surpreendem na ruptura das amarras etárias e transbordam generalizações. Sobretudo quando rompem as regras mais caras à padronização e controle social, centradas no gênero e articuladas por meio da imagem. Se por um lado, a imagem é indispensável às alianças e afirmações tribais, por outro, a imagem também é dispositivo de controle e ordenação. O gênero então é reduzido ao binarismo, homem e mulher, sob a aplicação de códigos imagéticos específicos, que impõe a todos a clausura dentro de padrões mais ou menos universais e o apagamento ou eliminação brutal de sua complexidade. Gênero sempre transbordou à sua nomeação, e na contemporaneidade seus transbordamentos ganham visibilidade inédita e irrevogável em todos os espaços sociais e institucionais. Sobretudo quando diz respeito às juventudes. Jovens evidenciam em suas imagens pessoais a dissidência dos padrões e a plasticidade de seus jogos identitários. Numa espécie de ati-

2 Entendemos ser a Juventude uma categoria histórica e cultural em que são posicionados os sujeitos em relação às demais categorias etárias. Seu pertencimento a determinado dispositivo geracional acontece frequentemente de forma problemática, uma vez que a percebemos situada entre a infância e a vida adulta, como posicionada através de seu não pertencimento a ambas as categorias.

vismo visual (MIRZOEFF, 2015), as dissidências juvenis se colocam revertendo as desqualificações e insultos tradicionais de que são alvo os que não respeitam as determinações comportamentais e visuais impostas por conta de sua anatomia de nascimento.



Fonte: youtube.com < Disponível em : https://www.buzzfeed.com/irangiusti/as-19-bichas-mais-destruidoras-da-internet-de-todos-os-tempo > (Acessado em 30/06/2017)

A força que a juventude tem de se desviar das cobranças que lhe são impostas faz com que ela se torne muito perseguida e, em muitos casos, passível de todo tipo de agressão, embora ser chamado de viado ou sapatão agora produza em muitos casos um efeito contrário à violência intentada. Essa ressignificação de termos que já foram somente considerados agressivos ocorre entre os jovens que estão dispostos a expor sua desistência ao binarismo de gênero, assumir sua forma de existir com jeitos, gírias, vestimenta e desejos não condizentes ao que a heteronormatividade prega como aceitável e correto. O que o discurso conservador tem como

nefasto torna-se símbolo de resistência e poder. Dissidência é, portanto, inseparável da criação de imagens que cada pessoa e cada coletivo segregado constrói nos seus próprios corpos, dando relevo às belezas e cicatrizes que constituem e fortalecem as suas subjetividades.

Nos cotidianos juvenis a rede é vista como principal meio de diversão, socialização e também de embates de imagens e ideias. As diversas imagens produzidas pelos jovens e lançadas na rede são fontes indispensáveis para a compreensão da atualidade e, sobretudo; das realidades das juventudes. Vídeos capturados na rede e editados domesticamente, memes, gifs e *selfies* são novas formas de conversação visual digital. As *selfies*, por exemplo, são a primeira forma para a nova maioria global de se lançar fora do reduzido espaço do indivíduo. E isso é muito significativo. Conforme os estudos apresentados por Mirzoeff (2015) na obra citada,

> ...o fenômeno da "*selfie*" começou após o lançamento de câmeras frontais de melhor qualidade com o *iPhone* 4 em 2010, com outros modelos de telefone seguindo rapidamente. *Selfies* poderiam agora ser tiradas fora de casa ou usando flash sem resultar em um borrão de luz dominando a foto, como as fotos tiradas em espelhos, que eram essenciais na rede social Orkut nos seus tempos áureos de 2004 a 2010. Uma "*selfie*" é agora entendida como uma foto de si mesmo (ou incluindo a si mesmo) que se tira o próprio segurando a câmera no comprimento do braço. Um vocabulário visual padrão para a *selfie* padrão tem emergido. Elas saem melhor se tiradas de cima com o sujeito olhando para cima, para a câmera.

É evidente que a descoberta das possibilidades da rede e das tecnologias de produção e edição de fotos foi acompanhada pelo desenvolvimento da atenção e habilidades do trato com o visual, sobretudo com a imagem a ser registrada pela fotografia. Se uma quantidade gigantesca de pessoas busca obedecer aos padrões estéticos dominantes na elaboração de suas imagens visando objetivos variados, outro grupo de jovens encontrou na rede e no domínio de seus usos um campo de militância estética. Expor na rede seu corpo e suas imagens totalmente opostas ao que pode ser considerado adequado e até idealizado pelo gosto burguês, se tornou um novo modo de luta contra a discriminação de gênero e sexual, de raça e classe. O que é considerado grotesco, indecente, feio e inconveniente se torna padrão estético e arma ironicamente eficiente.

Cultura visual

A visualidade a partir da perspectiva da Cultura Visual pode ser compreendida como um envolvimento entre imagem e contemplador, em que o último tem a papel não só de contemplador, mas, também de criador, editor daquilo que lhe cai aos olhos. Copia, recorta, cola e a repercute para incontáveis novos contempladores aquilo que viu e coproduziu. Obra na qual investe tanto o seu poder de criação quanto seus meios de propagação. A internet e os avanços tecnológicos da comunicação, desenvolvidos na última década permitiu que hoje qualquer jovem, de qualquer parte, campo, cidade, centros e periferias possa criar imagens de si e de outros, viraliza-las e ganhar notoriedade na rede.

O grande número de imagens que as juventudes tem acesso diariamente, e de forma instantânea, vem mudando

cada vez os modos de relação entre ambos. Sem nenhum tipo de pudor, reserva ou temor, as juventudes estão se relacionando com imagens e, em um tempo cada vez mais célere, construindo um novo panorama do que é visualmente aceitável. A imagem que pode circular na rede, criada por meio de aplicativos de edição, dos mais elaborados aos mais simples, envolve a crítica e julgamento de quais imagens e visualidades mereceriam ser compartilhadas. Entretanto, a rede é incontrolável e as juventudes de forma lúdica apostam na contramão de qualquer normatização do design, da arte e de qualquer campo do saber identificado com o gosto burguês.



Fonte: geradormemes.com < Disponível em : http://geradormemes.com/meme/icluod > (Acessado em 30/06/2017)

Nosso entendimento sobre a Cultura Visual avançando e considerando sua importância no contexto juvenil e virtual, nos leva a tomar esse campo de questões e saberes, a Cultura Visual, como indispensável para a Educação contemporânea. Entendemos que as imagens, os modos de

ver, desejar ser visto e produzir imagens do mundo, de si e de seus coletivos são recursos indispensáveis para compreender a diversidade com seus matizes e texturas, e entender os processos de resistência, afirmação e dissidência.

Prática educativa

A Cultura Visual vem se tornando, como afirmamos na seção anterior, seguramente relevante na escola do século XXI. Os instrumentos necessários ao diálogo e à elucidação das visualidades que envolvem todos os processos e meios formativos estão presentes e ativos nas imagens juvenis, na produção visual da juventude em rede e também nas suas formas de lidar e envolver socialmente.

As imagens produzidas e que circulam entre os jovens como forma de militância identitária sintetizam suas questões e prioridades. São, portanto, fontes de conhecimento relevantes para problematizar com mais abrangência e profundidade e superar a educação normativa, aquela que não quer ou ainda não consegue ir além dos currículos do século XIX[3]. O contrapondo que a juventude visualmente militante pode dar a essa educação é, sem dúvida, um outro canal de ensino e aprendizagem sobre seus atuais modos de ser e estar no mundo. Um jovem viada, bicha, sapatão ensina muito sobre o que, mais do que nunca, importa aprender. Sobre a fragilidade das "verdades redutórias e limitadoras" de gênero, sobre

3 Momento em que os currículos foram concebidos e elaborados como parte do regime disciplinar, no que diz respeito tanto aos conhecimentos mobilizados quanto às tecnologias de seu exercício, em prol de um processo eficaz de internalização da norma. Entendemos que seu desenvolvimento sob esta lógica ofereceu as condições de possibilidade para o exercício disciplinar na escola e, por conseguinte, os processos de exclusão a ele vinculados.

exclusão, machismo/covardia e muitas outras coisas, sobretudo, ensina que é possível fugir dos padrões institucionais e ser autor com mais força da sua existência pessoal e dos seus coletivos. O cuidado de si (FOUCAULT, 2002), como obra poética e a vida como obra de arte é o que, antes de mais nada, as imagens das juventudes dissidentes escancaram.

Os jovens aos quais nos referimos constituem parcela relevante da população estudantil. Se a sua relevância não se deve ao número de indivíduos que poderíamos tomar como dissidentes do padrão dominante, se deve, contudo, aos significados que a diversidade implica, sobretudo, na formação escolar. Reconhecer e aprender a conviver com o que é diverso em relação ao padrão dominante, é evidentemente um resultado educacional importante. As práticas educativas não se limitam aos currículos e rotinas pedagógicas oficiais. Diversos momentos e ações formativas acontecem o tempo todo na escola e fora dela, competindo, fortalecendo e contradizendo os saberes oficiais ou o currículo formal.

O momento das pesquisas que deram origem a este artigo é o de intensa disputa entre os defensores da educação como efetiva formação democrática, cuja agenda deve se constituir de práticas voltadas para o convívio produtivo de sujeitos de crenças, culturas e valores diversos, e os partidários de uma pretensa escolaridade destituída da discussão acerca do investimento na compreensão da diversidade como patrimônio coletivo. A despeito do revés das políticas públicas para a Educação, as escolas continuam e continuarão sendo terreno fértil dos encontros que só elas possibilitam. Jovens de origem e condições sociais semelhantes, mas singulares em suas maneiras de receber o mundo e lidar com o acolhimento que lhes contemplam. Assim, na fu-

gacidade do cotidiano uns ensinam aos outros sem necessariamente saber que ensinam e aprendem. Ensinam por meio de seus gestos, o exercício de seus afetos, as imagens pessoais que criam e fazem circular. São códigos inventados, partilhados e enriquecidos a todo instante de convívio escolar. Assim, se dá com as culturas juvenis dominantes em suas tradicionais conquistas de espaço, contudo, ocorre também com as insurgentes, com os mais discretos e os mais eloquentes dissidentes dos padrões hegemônicos ainda dominantes nos currículos oficiais.

Parece que, por mais severas que sejam as práticas normativas escolares, por mais limitada que seja a concepção de gênero, mais hostis aos jovens gays, transgêneros e demais dissidências, e mais blindados que sejam os currículos em relação à diversidade, as práticas educacionais oficiais não conseguem impedir seu atravessamento, neutralização e corrupção em diversos pontos pela vitalidade da presença dos "diferentes". Diferentes que, de alguma forma, produzem currículos, clandestinos ou não, que a todos, em algum momento beneficiam. Muito embora, saibamos que a afirmação da dissidência ainda é tragicamente arriscada, o que faz fulgurar ainda mais a riqueza das práticas educacionais decorrentes das presenças dos diferentes.

Piruzal

Dara Crislayne, cantora e moradora do Jacaré no Rio de Janeiro, define o piruzal em um de seus vídeos postados em suas redes sociais como *"igual ao está aqui, o fervo, o furdunço, o roça roça. Ai significa o que? O PIRUZAL!"*. Dara criou o termo para se referir aos aspectos dionisíacos

das festas que valoriza e frequenta. São, via de regra, bailes Funk, ditos bailes de Favela, que catalisam grande parte da juventude estudantil das escolas públicas populares nas quais desenvolvemos nossas pesquisas.

Piruzal é um termo que remete objetivamente à genitália masculina, ao sexo, o que evidentemente configura indisciplina e inadequação. Sua autora não pretende necessariamente fazer mais uma apologia à condição mítica masculina. Antes, ela, assumidamente autora de sua estética identitária, de travesti, desconstrói, banalizando de forma derrisória, o símbolo irredutível do macho. Crislayne parece enfatizar a condição feérica do evento por meio de discurso irreverentemente jocoso. Piruzal é a festa arquetípica que retorna, como intervalo fundamental, para que todos suportem a semana seguinte com as rotinas infinitas do aprisionamento do trabalho. Como defende Maffesoli (2005) em seu texto "À sombra de Dionísio", obra norteada pelo termo *orgiasmo*[4]. O autor tem esse termo como energia urdidora do que denomina socialidade, os modos e redes de se estar junto e construir o social. Orgiasmo, proveniente do termo orgia, implica em liberação, excesso, desregramento, quebra das normas, comportamento anárquico coletivo. Para as arquicivilizações a "orgia" era um ritual festivo, promovido nos intervalos entre a colheita e o preparo do campo para a próxima semeadura, quando se comia e bebia mais que o habitual e todos se entregavam ao prazer. Certamente, um modo de se preparar para a próxima temporada de inevitável e intenso trabalho pela sobrevivência. Na Grécia antiga, tais festas se man-

4 O autor define o orgiasmo como um acontecimento de revitalização dos laços societais, em que predominam os afetos e os erotismos, a favor de uma juntura comum e compartilhada de nossos modos de ser e estar.

tinham e eram consagradas a Dionísio, o irreverente deus da embriaguez e da luxúria entre outras potências. Eroticamente a orgia significaria a quebra da relação afetiva monogâmica pela experiência com parceiros diversos na dinâmica da festa, quando todos estando juntos celebravam o encontro entre pessoas com os mesmos propósitos. Este seria o ponto mais significativo do orgiasmo de Maffesoli que entendemos ser o Piruzal, ou mesmo Fervo como também os encontros festivos são denominados por muitos jovens. Transpondo para outros momentos do campo social, a experiência do orgiasmo, Piruzal, Fervo, é desfrutar de múltiplas identificações e encontros, é se entregar à diversidade do desejo e a pluralidade dos amantes, que não seriam apenas pessoas, mas modos de se ser o que é, de juntar-se às tribos e estilos, atividades, culturais e etc.. Orgiasmo, as juventudes dissidentes nos ensinam, não é ser submisso a um só valor, não estar preso a uma só visualidade, a um só gênero, mas, saber inventar abrigos identitários e linhas de fuga, saber jogar com a camuflagem diante dos perigos decorrentes do conservadorismo hegemônico. Se há um "eu", é múltiplo, líquido e irredutível à identidade fixa ou categorizações científicas, religiosas ou legais. O fluxo é a liberdade e autocriação de plasticidade infinita. Conforme o autor citado, à imagem de Dioniso, deus de múltiplas faces, o orgiasmo social é essencialmente plural (MAFFESOLI, 2005, p. 11), portanto, se assenta na radical composição da diferença.

Considerações finais

Interrompemos as reflexões e provocações desse trabalho com a esperança de que sua leitura estimule o avanço e eventuais contribuições oportunas à rota iniciada. Associar à educação elementos estranhos à cultura curricular oficial foi a nossa aposta. Pensar a emancipação dos sujeitos via a desconstrução de cânones epistemológicos, estéticos e culturais não é estratégia nova, mas, continua útil e necessária. Infelizmente, ao longo das pesquisas que possibilitaram esse pequeno e ambicioso texto, ainda encontramos leitores de Foucault cuja contaminação moral ainda prevalecia diante das insurgências juvenis, diante das afirmações identitárias dissidentes. A indispensável questão "*por que não?*" ainda é insuficientemente utilizada nas práticas adultas nas escolas da vida. E assim, os acontecimentos dionisíacos e suas subversões estéticas, caros à juventude e à consistência das suas formações, ainda são rejeitados pela açodada condenação moral. O mesmo acontece com os jovens que reordenam seus corpos em função de suas poéticas existenciais e em função da absoluta concretude de seus desejos e sentimentos. Nossas considerações aqui se revestem de claro e firme posicionamento a favor dos que enfrentam a falsa homogeneidade das aparências, a violência das designações ditatoriais de gênero, as tábuas de valores estéticos e demais interditos que ferem seus corpos e esfacelam sua dignidade.

REFERÊNCIAS

CROUZET-PAVAN, Elisabeth. Uma flor do mal: os jovens na Itália medieval. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **História dos jovens 1**: da antiguidade a era moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **À sombra de Dionísio**. Porto Alegre: Zouk editora, 2005

MIRZOEFF, Nicholas. **How to see the world:** an introduction to images, from self-portraits to selfies, maps to movies, and more. Nova Iorque: Basic Books, 2015.

WULF, Christoph. **Homo Pictor:** imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. São Paulo: Hedra, 2013.

VIDAS (IN)CORRIGÍVEIS, CORPOS QUE (NÃO) IMPORTAM?: EXPERIMENTAÇÕES DA SEXUALIDADE NA INTERPELAÇÃO DA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

SANDRA MARIA ALEXANDRE DA SILVA

FERNANDO POCAHY

Este texto discute elementos dos cotidianos da/na produção discursiva da "Deficiência Intelectual". O trabalho toma como lócus privilegiado de enunciação os marcadores de gênero e sexualidade nas experimentações de jovens e adultos, a partir de interlocuções realizadas na cidade de Fortaleza em um Centro Educacional Especializado. Nossa aposta "cartográfica" acompanha alguns fluxos enunciati-